

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO  
DOS

## ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Mattos Sequeira, Alberto Navarro  
e Conde de Castro e Solla

**A responsabilidade dos escritos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.**

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam elas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as fórmãs, o amor da archeologia e da arte.»

## Uma excursão a Evora

9 a 11 de Junho de 1915

## SENHORES E CONSOCIOS:

Justificadamente escolheu a «Associação dos Archeologos Portuguezes» para objecto da sua primeira excursão collectiva de estudo a historica cidade de Evora, que, no dizer de um dos nossos consocios, é a Florença Portuguesa.

Evora encerra, de facto, um conjuncto raro, talvez unico em Portugal, de obras de arte.

Considerando sómente a Architectura, a serie dos seus monumentos, desde o templo e os troços de muralha da época romana até á capella-mór, neo-classica, da Sé, documenta quinze ou dezeseis seculos de evolução dessa Arte, sendo apenas mais incompleta a documentação no tocante ao periodo ogival.

O templo, que brilhantemente inicia essa longa serie, é, de todos aquelles de que se encontram restos na Peninsula, o primeiro, pela sua magestade e elegancia, e prova, com outros vestigios da civilização romana, que se têm encontrado em Evora e nas suas cercanias, que houve nessa região, no tempo do dominio de Roma, uma vida intensa. E o estudo da arte e da civilização romana na Hispania não póde ser-nos indifferente, nem

70307

considerar-se méra curiosidade de eruditos, porque a nossa Península foi profundamente romanizada. A alma portuguesa é um pedaço da alma romana.

A Sé, construída nos fins do século XII, quando a arte romanica ia cedendo campo á arte ogival, é um monumento interessantissimo, de transição, em que essas duas artes coexistem, sem se confundirem, embora nelle predomine a arte romanica. A abobada da sua imponente nave media, comquanto de perfil ogival, não é ainda a abobada arcezonada do periodo gothico. Essa mole gigantesca de granito, com as suas torres, os seus corucheus, o seu zimbório, a linha severa e forte, mas, ao mesmo tempo, elegante, que constitue a sua nota característica, impõe-se á nossa admiração e ao nosso respeito; e, como só a parte absidal foi substituída e o nucleo formado pelas naves, pelo transepto e pelo triforio se mantem integro, apenas com a modificação que lhe trouxe o côro, no século XVI,—quando nos encontramos na veneranda e gloriosa cathedral eborense e nos deixamos penetrar um pouco daquelle ambiente, sentimo-nos em plena Idade-media. O effeito suggestivo é poderoso. As naves povoam-se; as figuras que tomaram parte nos acontecimentos de que a velha cathedral foi theatro, de começo vagas, indecisas, como sombras inconsistentes, definem-se e accentuam-se, mais e mais, tomam corpo, animam-se, vivem, e esses acontecimentos, alguns delles dos mais profundamente dramaticos e até dos mais violentamente tragicos da nossa historia, reproduzem-se maravilhosamente deante de nós. A Sé de Evora é, de facto, um dos monumentos mais evocadores que possuímos.

Mas, se, do conjuncto, passarmos aos pormenores, se nos entregarmos a um exame detido da grandiosa cathedral—que serie interessantissima de obras de arte, de diversos generos e de diferentes épocas e estylos, algumas datadas, se nos depara! E' a porta do baptisterio, a porta da sacristia, a capella dos Morgados do Esporão, o côro, com o seu admiravel cadeirado, o pulpito... E, se, da igreja, passarmos ao claustro—que bello exemplar de crasta ogival reconheceremos nelle, apesar do abandono a que tem sido votado,—abandono cujas consequencias não são, em todo o caso—felizmente!—irremediaveis.

O gothico do ultimo periodo, o gothico em a sua phase de decomposição (melhor diremos), assume em Evora um cunho local, uma physionomia especialissima, exemplificada na ermida de S. Brás, construída em 1480, e, mais expressivamente, nesse

original, singularissimo edificio que é a igreja de S. Francisco, iniciada em tempo de D. João II e terminada no de D. Manuel.

Privado, embora, já dos vitraes de Francisco Henriques, de parte dos seus quadros quinhentistas, do cadeirado do Mestre Olivel, de tres dos lanços do seu formoso claustro, esse monumento impõe-se, ainda hoje, pela sua característica feição exterior, que impressionou Haupt e Sanchez Moguel, pela sua interessante galilé, com arcos ogivales e ultra-semicirculares, e, sobretudo, pela audacia da sua estrutura, pelo processo original por que está assegurada a estabilidade da abobada polynervada que cobre a ampla nave unica do templo, cuja ornamentação é tambem muito singular e accusa, pelas formas e pela technica, a intervenção de artifices mouros.

Essa arte de transição que se convencionou appellidar de *estyllo manuelino*, embora as suas manifestações não correspondam exclusivamente ao reinado de D. Manuel, apresenta em Evora uma feição particularissima, devida á interferencia do arco de ferradura, construido, muitas vezes, de tijolos, — arco de indiscutivel derivação oriental, que os muçulmanos encontraram na Peninsula e integraram na sua architectura, simplificando-o, porém, com o seu espirito, scientifico, isto é, traçando-o com um só centro, convertendo-o num arco ultra-semicircular, muito fechado, que se distingue do arco de ferradura do periodo visigothico. Dêsse manuelino de character mourisco, não possui actualmente Evora edificio algum completo: possui, ainda, todavia, um trecho muito apreciavel, nas galerias que restam do antigo palacio regio (uma das quaes, a do Norte, um incendio providencial, bemdito, ha meses depurou, eliminando aquillo que uma restauração inepta lhe havia additado), além de um certo numero de janellas, mirantes e portaes, distinguindo-se, entre estes, o da casa capitular dos Loyos.

Da arte da Renascença, encontra-se, em Evora, talvez o primeiro ensaio, a primeira tentativa entre nós comprehendida. Referimo-nos ao tumulo de Manuel de Mello, datado de 1493, na igreja do citado convento dos Loyos, igreja que, alem disso, tem a valorizá-la duas campas de bronze, trabalho flamengo dos fins do seculo XV, ou do principio do immediato, e uns notabilissimos azulejos de Antonio de Oliveira, assignados.

O tumulo de Manuel de Mello é, como dissemos, uma tentativa de artista que, embora de mérito, não conhecia, ainda, bem o *estyllo*. Não faltam, porém, em Evora, obras de Renascença já

perfeitas, correctas, impeccaveis, como os dois porticos procedentes de S. Domingos, que devem ter sido lavrados entre 1530 e 1550 e que são de uma delicadeza e de uma gracilidade captivantes, lembrando as obras dos esculptores franceses que, no tempo de D. Manuel, se fixaram em Coimbra; o tumulo de D. Alvaro da Costa, hoje no Museu regional; e a notavel igreja da Graça, dos primeiros annos do reinado de D. João III.

A architectura pesada dos fins do seculo XVI, conhecida na historia da arte pela designação de *jesuitica*, está tambem frisantemente documentada em Evora, na igreja de Santo Antão e em outras edificações do cardeal-rei.

Finalmente, do neo-classicismo do seculo XVIII, possui a typica cidade do Alemtejo um exemplar precioso na capella-mór da Sé, notavel pelas suas proporções, pela polychromia dos seus marmores, pelos primores da sua ornamentação escultural.

Mas não são apenas os grande monumentos que constituem o patrimonio artistico de Evora. Outros elementos o opulentam, como sejam trechos ou fragmentos, por vezes de um raro encanto, que, a cada passo, se nos deparam, como, por exemplo, o mirante da casa Cordovil; os esgrafitos; as obras de ferro batido; as variadas e engenhosas combinações de tijolos, que, reflectindo e documentando uma influencia mourisca, nos apparecem em varandas, janellas, pombaes, etc. Juntem-se a tudo isto, — que seria já muito, — as preciosidades do Museu regional, como o seu notabilissimo triptyco de Limoges, os seus quadros neerlandeses do seculo XVI, as suas maravilhosas peças de ourivesaria sacra; — as typicas industrias locaes e tradicionaes, como a do mobiliario pintado; — os trajos, cantos e danças populares, de alto valor ethnographico, e (a coroar este incomparavel conjuncto) a recordação, ainda palpitante, de factos historicos dos mais importantes e decisivos da vida nacional, como aquelles que se ligam com a defesa da politica unificadora do *Principe Perfeito*, e plenamente ficará justificada a preferencia dada a Evora pela «Associação dos Archeologos Portugueses».

\*

\*      \*

A' visita foram destinados os dias 10 e 11 de Junho do anno passado (1916).

Na manhã de 10, reunido o grupo na galilé da imponente cathedral, tomou a palavra o socio D. José Pessanha, que, depois de

ter saudado todos que alli se encontravam, consagrou sentidas palavras á memoria de Gabriel Pereira, eborense illustre que tantas paginas eruditas nos deixou ácerca da historia e dos monumentos da sua terra, e socio devotadissimo, a quem a Associação ficou devendo, em grande parte, a auctoridade e o prestigio de que hoje goza.

Se elle, resuscitando, apparecesse alli, que intensa commoção não experimentaria, ao vêr os seus consocios reunidos na sua querida Evora, attraídos pela consideravel riqueza monumental que encerra e a torna, entre nós, um lugar de incomparavel ensinamento e de raro encanto para aquelles que se dedicam á archeologia artistica! E como seriam proveitosos os seus commentarios, as suas observações! Como elle para todos seria o mais competente e, ao mesmo tempo, o mais despretençioso dos guias!

Mas, se, materialmente, elle não estava alli com os seus consocios, seria, no entanto, elle quem os elucidaria, porque fôra, em grande parte, nas suas obras que os socios encarregados de dirigir a visita haviam aprendido o que sabiam ácerca dos monumentos e antiguidades de Evora.

Lembrou, depois, que bem procedera a Associação escolhendo para iniciar o estudo dos monumentos da historica cidade do sul o dia consagrado á memoria de Camões. Se os *Lusiadas* constituem a expressão synthetica da nossa nacionalidade, ao mesmo passo que têm uma larga significação universal, porque o poeta cantou o facto basilar da civilização moderna, as nossas audaciosas navegações e os nossos felizes descobrimentos, que deram á humanidade a posse completa da Terra e approximaram o Oriente do Occidente,— Evora, cidade maravilhosamente evocadora, onde se deram tantos factos importantes da nossa historia e onde tantos monumentos documentam largos seculos de trabalho e de civilização, falla-nos tambem, eloquentemente, do passado, dêsse nosso glorioso passado, que deve ser, para nós, mais ainda do que refugio e consolação, principio de alento e de confiança...

Neste ponto, lembrou o Sr. Mattos Sequeira, com applauso dos socios presentes, que todos os annos se realizasse, naquelle dia, uma visita de estudo a um monumento ou lugar historico.

D. José Pessanha, continuando, traçou, em rapida synthese, a historia da architectura christã, desde o IV seculo até à Renascença, e terminou referindo-se, em especial, ao monumento que ia ser estudado e cujos elementos essenciaes se conservam intactos, não obstante alguns addicionamentos, como o do côro, e a substi-

tuição da parte absidal primitiva pela capella-mór, classica, do tempo de D. João V.

Procedeu-se depois ao estudo directo do monumento, examinando-se a fachada, as naves, o transepto, a capella-mór, o côro, com o seu valioso cadeirado do seculo XVI, o triforio e o claustro, já do periodo ogival, e tendo-se estudado com particular interesse a preciosa grade do baptisterio e outras peças de ferro forjado, que no venerando monumento se encontram, a singularissima porta *mudejar* da sacristia, as estatuetas dos Apostolos no portico principal, etc. A proposito de todos esses elementos e obras de arte, fizeram considerações os relatores, occupando-se especialmente José Queiroz dos trabalhos de ferro e de madeira.

Da Sé, dirigiram-se os excursionistas ao templo romano, sobre o qual fez algumas observações o socio D. José Pessanha, e, depois, ao edificio dos Loyos, detendo-se a examinar, no claustro, o bello portal da casa capitular, com evidentes reminiscencias orientaes, e, na igreja, os famosos azulejos de Antonio de Oliveira, datados de 1711 e assignados; as campas, de bronze, unicas em Portugal, trabalho flamengo dos fins do seculo XV, ou do principio do seculo XVI, que, na primeira capella á direita, cobrem as sepulturas de Ruy de Sousa e de sua mulher, D. Branca de Vilhena; os tumulos, em fórma de ediculo, de Manuel de Mello e de Francisco de Mello, ambos no estylo da Renascença, o primeiro dos quaes, datado de 1493, tem evidentemente, o character de uma tentativa e representa documento de alto valor para a historia da introducção da arte do Renascimento em Portugal, etc.

A tarde foi consagrada á Bibliotheca e ao Museu, onde os visitantes foram gentilmente recebidos pelo zeloso e illustrado director dêsses dois estabelecimentos, o Sr. Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior, e onde apreciaram, em especial, diversos tumulos e janellas para alli transferidos em virtude de ruina ou demolições, o preciosissimo triptyco de esmalte de Limoges, os quadros neerlandeses do retabulo do antigo altar-mór da Sé, etc.

Percorreram depois o Pateo de S. Miguel, onde puderam examinar duas elegantissimas janellas geminadas, com arcos em fórma de ferradura, que se encontram, semi-occultas, na parte habitada do palacio dos Bastos, passando dalli ao vasto edificio dos jesuitas—hoje Lyceu e Casa Pia—no qual visitaram a igreja e a sacristia, tendo-se detido por alguns momentos, em respeitosa homenagem, deante da campa rasa do grande Cenaculo; as aulas da Universidade da Companhia de Jesus, ainda intactas, com as

suas imponentes cathedras, as suas bancadas ao longo das paredes e os seus notaveis azulejos do seculo XVIII, allusivos, quasi todos, ás sciencias e artes que alli se ensinavam.

Completou-se o dia examinando-se alguns troços da muralha romana, torres mediavaes, trechos architectonicos interessantes, como, por exemplo, o gracioso mirante da casa Cordovil, no largo das Portas de Moura, a janella manuelina da casa de Garcia de Resende, alguns trabalhos artisticos de ferro forjado, sobretudo varandas e *papagaios* de janellas, *esgrafitos*, e, ainda, varios especimes dessas lindas e variadas combinações de tijolos, que frequentemente se encontram, em Evora, a substituir a pedra e o ferro, em varandas e janellas, e que constituem, com o dominio quasi exclusivo da cal, em muros e paredes exteriores, os dois elementos que mais poderosamente concorrem para dar á velha cidade, e a outras povoações de além do Tejo, uma physionomia especial e inconfundivel.

No dia immediato, visitaram os excursionistas, de manhã, a igreja de Santo Antão, edificio de pesada architectura, do seculo XVI, onde lhes prendeu especialmente a attenção o apostolado do altar-mór, baixo-relevo em marmore, do seculo XII, ou do seculo XIII, que era talvez da primitiva igreja, romanica, e um frontal do seculo XVI, com figuras. De Santo Antão, passaram a Santa Clara, edificio em que a delicada «arte do tijolo» tem algumas das suas mais interessantes manifestações, e, dahi, ao bêco do Chantre, de onde admiraram, no resguardo de um terraço ou eirado, duas formosissimas rosaceas de tijolos, de grande diametro, desiguaes no desenho.

Seguiu-se a visita ao archivo do cabido, hoje dependencia da Bibliotheca, preciosa installação do seculo XVII, absolutamente completa e intacta; a observação das duas torres, quadrada e pentagonal, do palacio Cadaval, e, depois, o exame, que foi demorado, da notabilissima igreja de S. Francisco, obra de D. João II e de D. Manuel, exame que se estendeu tambem ao claustro, de que ainda existe o lanço oriental, com nove elegantes arcos ogivaes.

O comêço da tarde foi dedicado ao exame das peças capitaes do thesouro da Sé, que já faz parte do Museu regional, embora ainda confiado a um membro do cabido, tendo os excursionistas admirado sobretudo o bellissimo calix de oiro dos fins do seculo XVI, com delicados baixos-relevos e primorosos esmaltes, e a custodia-calix de prata doirada, tambem daquelle seculo.

Seguiu-se uma excursão ao convento do Espinheiro, nos arabaldes da cidade, cuja igreja encerra uma vasta e preciosa documentação histórica, nas suas numerosas inscrições funerárias, ha annos pacientemente estudadas pelo Sr. Braamcamp Freire, e em cujo claustro, modificado no tempo de D. Manuel, ha ainda elementos da primitiva construcção, do seculo XV.

No regresso á cidade, foram examinados os azulejos dos fins do seculo XVII (1699), assignados e datados, da igreja de Sant'Iago; o torreão e as duas galerias que, do vastissimo paço real, ainda se conservam, tendo-se fixado especialmente as lindas janellas manuelinas da ala ou galeria sul e o eirado que a remata, assente em arcos de ferradura, compostos de duas fiadas de tijolos e estribados em fortes pilares de granito, e havendo-se verificado, com satisfação, não ter o incendio, que, ha meses, alli se manifestou, attingido nenhum dos elementos antigos, que as obras de restauração e complemento, ha annos realizadas, tinham barbaramente affrontado.

O estudo dos monumentos eborenses terminou pela observação exterior da ermida de S. Brás e da singular fachada da Graça, obra dos primeiros annos do reinado de D. João III e documento, unico entre nós, da architectura ostentosa da Renascença veneziana.

Em toda esta peregrinação, foram os excursionistas elucidados pelos socios D. José Pessanha, que se occupou da parte histórica, da architectura, da pintura e da esculptura, e José Queiroz, que tratou especialmente do mobiliario, obras de ferro forjado, azulejos, trabalhos de tijolo e *esgrafitos*, havendo o segundo, que ha muito conhece intimamente Evora, feito admirar aos seus consocios grande numero de mil detalhes artisticos e pitorescos que enriquecem a caracteristica cidade do sul e que os eborenses, não se deixando guiar por uma falsa noção de progresso, devem a todo a transe defender, porque são elles que dão caracter a Evora, que a tornam original e typica, valendo por isso tanto, sob o ponto de vista do turismo, como os seus grandes monumentos.

*José Queiroz.*

*D. José Pessanha.*

## Relatorio da excursão que a Associação dos Arqueologos Portuguezes fez a Santarem no dia 9 de Julho de 1916

### SENHORES E CONSÓCIOS:

Por uma deferência extremamente cativante dos meus colegas da Associação dos Arqueologos, foi-me cometido o encargo de relatar a visita que fizemos a Santarém, no dia 9 de Julho do ano de 1916.

Não era a mim, evidentemente, que melhor competia salientar o que de interessante, se conserva ainda, a dentro dos muros da vetusta Scalabis; em outras pessoas como Ferreira Braga e Mêna Junior, recairia mais acertadamente essa tarefa, dada a sua competência especial no assunto e ainda porque na sua qualidade de santarenos, conhecedores de há mais tempo, do seu recheio artistico, têm podido acompanhar mais de perto o desmoronar da antiga vila, hoje cidade, a quem de futuro difficilmente antevejo melhores dias, embora alguns esforços isolados se movam no intuito de obstar ao seu total descalabro! Infelizmente continúa a ser esta eterna lamentação, o *mot d'ordre* da nossa coletividade.

Em Santarém como em Coimbra, em Evora como em Setubal, no Minho como no Alemtejo e Algarve, nas Beiras e Traz os Montes como na Extremadura, a onda de exterminio ameaça subverter o que resta dos nossos monumentos que são a sintese do passado, e tudo isto sem que uma salutar intervenção saia da sua imobilidade nefasta, origem de todos os vandalismos! Assacar ao povo a integral responsabilidade de certos desmandos de lesa-arte é fazer uso de uma flagrante injustiça, contribuindo ao mesmo tempo para aliviar culpas que doutros lados derivam, de

outras esféras a quem não preocupam estas futilidades que não pódem nem devem absorver a sua atenção mergulhada em problemas políticos!

A grande multidão portugêsa desprotegida de uma cultura benefica, desapossada de processos de divagação estetica, desconhece por completo o verdadeiro significado dos monumentos em que a sua vista pôisa. Por muito tempo os monumentos religiosos, prenderam a sua atenção na rasão diréta do maior ou menor misticismo que déles se evolava. O espirito dos séculos modernos animado pelas doutrinas dos grandes homens, veio libertar as consciências, de certas nebulosidades misticas; mas, nos povos onde a cultura da intiligência se tem operado, de gradação em gradação, resultou o alheimento de determinados preconceitos, de uma maior ou menor evolução espiritual (nunca duma imposição deletéria provocada por sistemas habilidosos de propaganda ficticia); originando consciências que caminham em virtude duma série de transformações cérebrais. O que se fêz, fêz-se com uma convicção scientifica, emergiu do seio de organisadas doutrinas filosoficas. No nosso país, tal porém, não sucedeu; aos olhos do povo ingenuo acenou-se com o fantasma da reação, no comodo simbolismo da religião, na reação perniciosa tal qual a cada um convinha apresental-a, houve o cuidado de filiar nela todas as suas agrúras, a origem das suas vicissitudes. E o que fêz então o povo no seu discernimento simplista? Derrubou cruzeiros e pelourinhos vendo nos primeiros encarnada a fé religiosa e nos segundos as prepotências do mando; enxovalhou as imagens, cuja existência podia fazer sombra aos negócios dos polítiqueiros e cegamente, desalmadamente... inconsciêntemente pôz-se a destruir tudo o que não estava dentro de doutrinas que não eram para êle a salvação terrena em contraste à salvação celestial que antes lhe haviam pregado! O povo braço e não cérebro, julgou praticar uma obra meritoria, porque não houve quem soubesse e quizesse ensinar-lhe o que valiam e o que significavam esses padrões do seu passado, que constituíam o seu patrimonio mais elevado. Alguns protestos surgiram e surgem, avultando entre êles o da Associação dos Archeologos Portugêses, que foi formada nesse intento protecionista do nosso passado artistico; e na compreensão desse grande dever, arredou do campo das suas discussões as pugnas políticas, lutando simplesmente com a poderosa arma do seu desinteresse, prégando a cruzada do seu respeito pela obra dos seus antepassados no campo da arte, sem outro desejo que

não fôsse o de vêr realizadas as suas ambições, fixando através dos tempos o merecimento dos seus monumentos, onde, com mais exuberancia, se dilúe a tradição gloriosa dum povo, cujo nome merece que se erga fulgurante, porque o não deslumbrou nunca a sêde das conquistas violentas, mas tão sómente procurou consubstânciar os seus feitos num trabalho sereno e produtivo! E' assim que as nacionalidades se impõem, é por tal guisa que as coletividades se dignificam, realisando o ideal da sua raça e compreendendo nitidamente a sua patria que não é a patria das chacinhas e das iniquidades, mas a patria das revelações históricas e artisticas e na qual, os monumentos, no dizer feliz dum dos nossos maiores homens: — *crystalisam as ideias e os factos!*

E agora que já, por um tempo sacrifiquei, o assunto que me confiaram para tratar, ao criterio, cuja essencia esbocei e que reveste mais uma feição pessoal do que coletiva; vou entrar no relato do que mais nos impressionou na nossa visita a Santarém.

Dominando pitorescos arrabaldes, ergue-se sôbre os seus montes risonhos de vegetação, a velha Scalabicastro e, ou a nossa vista se estende das Portas do Sol, a lobrigar a realenga Almeirim e a verdejante Alpiarça; ou do alto do Monte Cravos, procure as terras de Azoia, onde morreu Alexandre Herculano, o nosso grande historiador, na solidão de Valle de Lobos; Achete, comenda de Malta e outras povoações inundadas de luz e de oliveiras, para qualquer lado, emfim, para onde os nossos olhares se orientem, descobrem-se logarejos, moradias, onde a tradição ficou no relevo das suas lendas e na recordação dos nossos avoengos. O arqueologo, porém, a quem a vista se cançou já na contemplação desses arredores cheios de colorido e de frescura, muito aproveitará ainda se dirigir os seus passos para o interior citadino, a visitar os edificios que na *Cidade de Júlio* (Presidium Julium) representam um documento vivo do que ela foi há uns séculos atrás.

E' certo que em Santarém a trajetoria da arquitetura, não pode ser tão rigorosamente demarcada, como em Evora (há pouco também por nós visitada) onde há um monumento romano, que em Santarém falta, e onde o romanico tem representação mais viva; mas, ainda assim S. João de Alporam, se bem que já privado de certos elementos, e onde a bela resacea romanica, foi

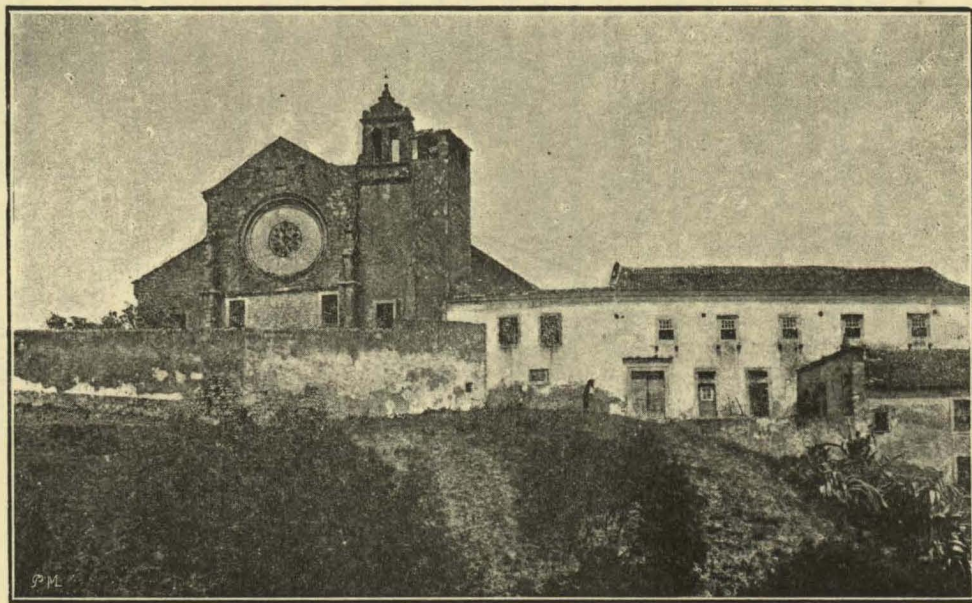
substituída por uma reprodução moderna; é um belo exemplar das construções desse período, e que melhor se poderia estudar, no que toca à chronologia, se não houvesse sido derribada a torre que junto ao templo se levantava. A essa demolição se refere o desembargador João António Pereira (1) — *Na visita que nos últimos anos do seu reinado fez a Snr.<sup>a</sup> D. Maria I a esta vila, vieram adiante as medidas do coche real que foram lançadas pelas ruas e travessas do transito a fim de recolherem e desmorronearem os obstaculos a esta viação. No sitio do Canto da Cruz se cortaram os vertices dos angulos que estreitavam a passagem, porém entre a torre de S. João e a do relógio das Cabaças, achou-se o transito tão estreito, que por onde haviam passado sem mingua da sua gloria, tantos monarcas e principes famosos, julgou-se a soberania abatida se não marchasse sobre ruínas. O alvião que então aluiu a primeira pedra da torre, tem sido secundado de tantos, que admira não ser hoje Santarém apenas — Campus ubi Troja fuit.*

Assim lamuriava o douto João Pereira, um dos espíritos mais esclarecidos que no século XIX teve Santarém.

A pesar de tudo, pôde dizer-se, que S. João de Alporam, constitue o único exemplar que actualmente na cidade se nota, de feição românica. Sobre a sua origem muito se tem conjecturado, havendo entre outras opiniões a de José Anastácio de Figueiredo que entende que êle foi cabeça da ordem de Malta. O que parece averiguado, com mais vislumbres de verdade, é que a construção, tal qual hoje a vemos, deve datar dos fins do século XII, ou dos princípios do século XIII, sendo êste designativo *Alporam* aplicado ao local em que êle se ergue cheio daquela severidade adstrita aos monumentos daquela época.

Do estilo ogival, tem Santarém uma larga e perfeita representação, bastando que atentemos nos edificios dêsse período architectónico — *Santa Clara e S. Francisco*. Ricos de tradição, esplendidos de minúcias architecturais, lá estão essas duas criações onde parece vibrar ainda a alma do velho Portugal, a um tempo animoso e sonhador. De século para século, de ano para ano, de dia para dia, tem a impiedade dos tempos disfigurado a arte que neles se retratava, e a indiferença dos homens completado essa acção destruidora, apeando as suas arcarias, contraditoriamente pujantes e esbeltas, conspurcando as suas absides e profanando

(1) *Panorama*, ano de 1854.



EGREJA DE SANTA CLARA  
Fotografía de Carlos Gomes

os seus túmulos. Nada se tem poupado desde o simples capitel de volutas ingénuas e rudimentares até às vastas composições de azulejos historiados; por cima de tudo, passou êsse vendaval que, já de longa data, vem soprando sôbre as criações da arte nacional! Do convento das Claristas, apenas hoje resta, a vastíssima igreja de três naves de altíssimas colunas, atingindo em passos, um comprimento de setenta e cinco, contados desde a capela-mór até a porta da entrada, e uma largura de vinte e três, pouco mais ou menos. O templo de character acentuadamente ogival, dominanos pela sua grandeza. A sua reconstituição era uma empresa relativamente fácil, pondo, contudo de parte, quaisquer fantasias. Hoje como êle está, completamente vasio, em vista de, todos os seus elementos constitutivos, terem sido removidos para outras igrejas; dá-nos uma impressão desoladora! Mas, mesmo assim, o poder de sugestão que êle nos comunica, faz-nos recordar o seu passado, a sua infância a que deu brilho a filha de Afonso III — Leonor Afonso, e a que imprimiu o seu poder real, o príncipe bolognez. Ha na igreja uma particularidade, que consiste numa parede que a divide a meio do seu comprimento.

Essa remodelação está perfeitamente acusada no teto de madeira, em berço, na pintura das colunas e nos azulejos policromos, o que tudo atesta, que as obras foram feitas no século XVII. Na parte superior que a parede divide, fere-nos bem o contraste entre a parte renovada e a primitiva; ficando esta última ao serviço exclusivo da comunidade, reservando-se para o público, a outra a que dá entrada uma porta leteral, que por caso nenhum podia ser a da fundação, pois não assenta sôbre ela a rosacea que ainda hoje se conserva com restos de vitrais brancos. O teto da igreja primitiva (chamemos-lhe assim), está seguro por curiosos barrotes ornamentados de cujo perfil obteve desenho o nosso distinto consócio e ilustre artista Alberto Sousa. A porta antiga do templo ostenta janelas geminadas, sendo as que servem a parte mais moderna de fatura vulgar e maiores.

No capitel duma coluna engastada na parede divisória a que me referi, vêem-se num escudo de cadeado, abertas as armas de D. Afonso III, em tudo semelhantes às que se vêem na linda Fonte das Figueiras. Parece não ser só êste escudo de armas, que rubricava, por assim, a acção dêste rei na edificação do mosteiro. Na *História de Santarém edificada*, diz o Padre Inacio da Piedade, referindo-se às religiosas que de Lamego vieram para fundar Santa Clara = *Tinha-lhe já el-rei D, Affonso, começado as*

*obras do convento em Santarém e com tanto empenho do seu gosto se presava delas que as mandou marcar logo como coisa sua com o sinal de suas riais quinás, cujas armas se estão vendo abertas em uma grande pedra por cima do grandioso espelho do côro.==*

Eis o que se conserva da antiquíssima casa das Claristas. Viu a Associação dos Arqueologos, com profundo desgosto, o abandono a que ela foi votada, e, afim de que o seu descalabro, não venha a ser total, pondera às entidades competentes, a vantagem, que, para a cidade, adviria, com o cuidar-se da recomposição do templo, de modo a poder instalar-se nele o museu da cidade, já tão rico de especimens artísticos, a cujo engrandecimento dá todo o seu amôr, o Sr. Laurentino Veríssimo; ficando por esta forma os objectos dispostos com mais amplidão, e contribuindo, de caminho para que S. João de Alporam se ofereça ao nosso estudo, sómente com os elementos da sua constituição, que os séculos deixaram chegar até nós.

Deixando o Convento de Santa Clara, e caminhando pela pedregosa estrada que conduz ao actual quartel de artilharia, chegámos em pouco minutos, aos aposentos dos Trinitários e dos Franciscanos, cujos conventos encostam um ao outro e não existindo do convento dos primeiros digno de menção mais que uma lapide que está embebida na parede que dá para a parada do quartel e onde um letreiro gótico nos faculta a data de 1543; e a profanada igreja de uma só nave, caracterisadamente do século XVIII. — Em compensação o que ainda hoje existe de S. Francisco, faz-nos pensar a importância que assumiria noutros tempos essa admirável construção!

Sôbre a igreja conventual, há quem attribua a sua erecção ao início do século XIII, parecendo, porém, mais positivo que, do reinado de D. Afonso III, provêm a sua principal factura. Este monarca, segundo as crónicas, reformou a igreja, mandando acrescentá-la, com a determinação de que, a meio dela, se erguesse um côro para seu jazigo que ficou ocupando três arcos.

Com esta modificação o templo tornou-se sombrio, sendo aí, por 1588, deslocado o túmulo real para um côro que então se construiu sôbre a porta principal, e que creio substituir o primitivo. Tanto a igreja como o claustro são ogivais, provocando especial reparo a porta principal que tem um certo character arcaico ostentando uma guarnição idêntica à que vemos na Sé de Lisboa, na capela de Bartolomeu Joannes.



CLAUSTRO DO CONVENTO DE S. FRANCISCO  
Fotografia de Carlos Gomes

Esta porta dá-nos entrada para um formoso alpendre, sob o qual, segundo a crónica de Rui de Pina, foi jurado rei D. João II. A igreja é de três naves de cinco arcos por cada lado, o tecto é de madeira, sendo a construção de todas as capelas e da abside, de tijolo. Apesar da destruição da capela-mór, o templo tem todo o character de uma edificação contemporânea da Batalha. Convém salientar um facto: a abóbada ogival do alpendre é suportada por colunas de fustes curtos, parecendo que dois feixes de colunelos seguiriam mais para o alto, pois se vêem claramente interrompidos pela abóbada, o que nos leva a comparar esta circunstância com a que se dá nos Jerónimos. As colunas da igreja são altas, sendo os fustes formados por um polygono regular. Com o templo liga o cláustro quadrangular composto de colunas agrupadas duas a duas, formando arcos ogivais lanceolados. Êste cláustro é o único hoje existente e o maior dos dois que o convento possuía antigamente. Os bocetes das nervuras são rematados por escudos com as armas dos Menezes e Castros, colocados alternadamente. O conde D. Duarte de Menezes e sua mulher mandaram fazer dois lanços do cláustro o que justifica êste facto; os dois lanços restantes foram mandados construir pela casa Vila Real bem como a casa do capítulo, escolhida para sua jazida. Ê curiosa a ornamentação dos capiteis que obedece aos elementos, *pão e vinho, cachos de uvas, maçarocas etc.*, vendo-se ainda em alguns, rostos barbados e noutros a representação da *fábula da raposa e as uvas* sendo a primeira apresentada de juba, o que lhe dá mais o aspecto de leão. A capela do cláustro, chamada de D. Duarte de Menezes é bastante interessante. Tem as paredes forradas de azulejos recortados de moldura policroma, verde, azul, côr de vinho e amarelo, envolvendo dois painéis de azulejos do século XVIII, com figuras a azul, simbolizando a *queda do maná* e a *eucaristia*, com estas legendas.

IST ESTE PANIS QUEM DO  
MINUS DEDIT VOBIS AD  
UESCENDUM EXOD

CAP. 16. U 15.

HIC EST PANIS DE COLO (sic) DESC  
ENDENS: SIQUIS MANDUCAVERIT  
EX HOC PANE VIVET IN ÆTERNUM

AN. CAP. 6. U. ET 52.

BIBLIOTHECA  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES  
Edifício Historico do Carmo

No chão desta capela está uma campa rasa sôbre a qual se vê em relevo, uma figura de mulher, em que descança uma lisonja com as armas dos Menezes e dos Castros. É a sepultura da mulher do fundador. — Numa parede desta capela vê-se também uma inscrição, que deve ter vindo doutro local e que diz = *No meio da parede que fica detraz desta tribuna e por baixo do sacrario se/ guardão em hum nicho muitos ossos da cabeça e cor/ po do veneravel Frei Antonio de Santarem* =

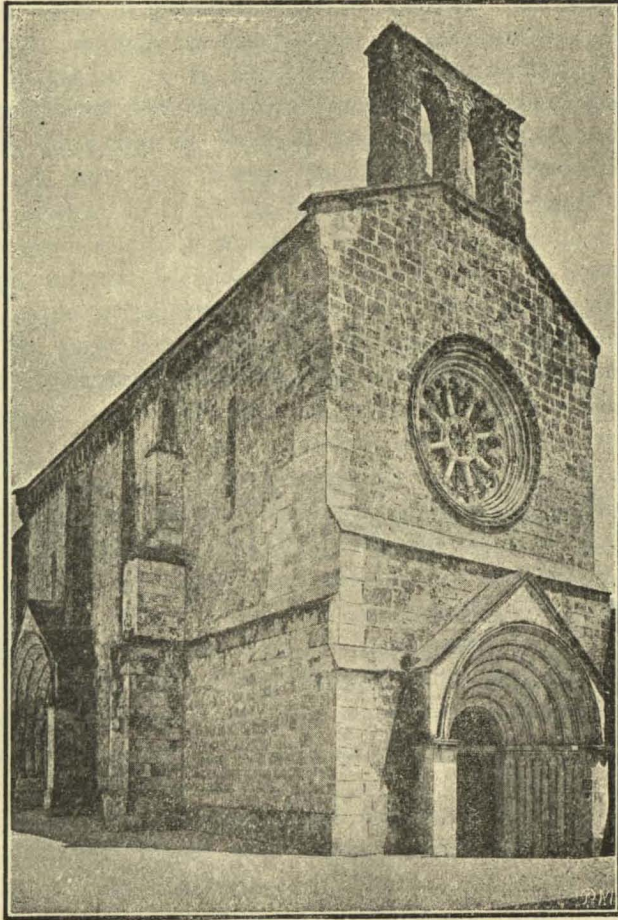
Deixando a capela de D. Duarte e subindo a escada que dá para o primeiro pavimento do cláustro depara-se-nos sôbre o arco da entrada um painel de azulejos com a imagem de Santo António sôbrepujada de uma cartouche que encerra esta quadra:

DEOS FESVOS AMICO DALMA  
 NA PALMA SE VOS QUIS POR  
 POR SE SABER DO AMOR  
 SO VOS LEVASTES A PALMA.

Inferiormente a composição é fechada por estes versos:

ANTONIO SI TODO DAS  
 QUANTO TIENES EL LA MANO  
 EL MISMO DIOS SOBERANO  
 CIERTO NO PUEDE DAR MAS.

Pela sua importância monumental, pela sua filiação arquitetónica e finalmente pelas grandes recordações históricas que sôbrésaltam o nosso espirito, é a igreja dos graciosos aquela que naturalmente se deve seguir na incidência dos nossos estudos. Lá repousam os ossos de Pedro Alvares Cabral, de Gil Eannes da Costa, dos senhores de Penella, dos Condes de Viana e de outros cujo nomes encheram algumas paginas da história do nosso país. Apreciado na sua feição histórica, o convento dos frades agostinhos; muito rememoraríamos nêle do seu passado repleto de esplendor; é comtudo da parte arquitetónica que vou ocupar-me por ser está a indole do presente relato. Bastaria a soberba rosacea que encima o bellissimo portal em ogiva, para colocar o templo da Graça num lugar de destaque entre as boas produções do gotico em Portugal. Trabalhado numa só pedra constitue um for-



S. JOÃO D'ALPORÃO  
Fotografia de Domingos Egreja

moso exemplar do gótico flamejante e completa com o pòrtico de delicados labores a esvelta decoração da fachada da igreja, que é de três naves de arcos ogivais descançando sôbre os capiteis que corôam os fustes de pintura delicada que deve datar da época da substituição da aboboda da nave central, por teto de madeira lavrada, *cheio de pintura*, como na Chronica de Santo Agostinho, conta Fr. António da Purificação, fazendo remontar essa construção ao tempo de D. João III. — Além de campas rasas em que avultam inscrições de varios séculos, merece especial menção o tumulo do Conde de Viana D. Pedro de Menezes, cuja descrição deixo de fazer por já estar devidamente tratada pelo nosso consócio Affonso de Dornellas, que dêle se tem occupado com aquella proficiência que o caracteriza. Este tumulo monumental assentou primitivamente na capela de Santa Rita (hoje do Senhor dos Passos) sendo transportado para o local, onde atualmente se encontra, em 1725. Esta capela dos Passos, como hoje a vêmos, é incontestavelmente um dos maiores atrativos para os profissionais e curiosos a quem estes assuntos interessam, pela larguíssima composição de azulejos que a forram, imprimindo-lhe uma grandêsa e um colorido de que certamente, no nosso país, não existirão em pinturas desta naturêsa, muitos exemplares. Proçedia-se quando da nossa visita, a consolidação desses azulejos, trabalhando-se em arrancal-os, o que, sinceramente, nos assustou, por nos lembramos de que nem sempre esses trabalhos se executam com o cuidado e carinho que, é mister lhes assista!

A capela que forma o extremo do transepto do lado do evangelho e onde numa das paredes a bôa altura se vê embebida a sepultura de Gil Eanes da Costa, é coberta de bons azulejos enxadresados de azul e branco.

N'uma outra capela lateral, mas do lado da epistola, da evocação de S. Miguel, nota-se um quadro do século XVIII representando o mesmo santo e um tumulo renascença de cuidada fatura encimado por um escudo, onde se abrem as armas dos *Portocarreros* e *Barbosas*, e que está colocado num timpano, sôbre o entablamento, tendo no frisô a data de 1532. Da renascença, tem também a igreja um pulpito de pé.

Para a igreja da Graça foi transportado recentemente o tumulo da bastarda Leonor Affonso, filha de D. Affonso III, que se achava em Santa Clara.

Nas imediações da «Graça», ergue-se o templo de Marvilla, cuja antiguidade, a acreditar nos chronistas, provêm de épocas

muito distantes. Fosse, porém, qual fosse a sua origem, o que claramente se nos revêla é a sua feição manuelina, evidenciada, nas capelas absidais e no portal que, na verdade, é primorosamente detalhado.

Como contraste à moderna construção das naves, vêem-se capiteis jônicos do fim do século XVI, sendo ainda merecedoras de reparo as duas pias de água-benta, manuelinas, de diferente lavôr.

A igreja que é de três naves, conserva as paredes revestidas de azulejos até à base das janelas laterais, por onde jorra a luz, que inunda o corpo do templo (5 frestas de cada lado); painéis de azulejos policromos do século XVII de dois tipos alternados, vendo-se na parte superior azulejos do tipo dos de Santa Clara. Os azulejos mais antigos figuram na capela-mór, vendo-se sôbre o arco que lhe dá entrada a data — 1617. — Nas empenas das naves laterais, destacam-se no azulejo padrão, quadrinhos policromos com a iconografia da ladainha de Nossa Senhora.

Sôbre o arco da capela-mór existe um oculo tapado com uma pintura a óleo, que representa a *Ascensão da Virgem*. O tecto da igreja é de três faces em todas as naves, sendo a ornamentação dos capiteis constituída por rostos barbados que pendem colados ao ábaco.

A capela-mór que recebe a luz de duas janelas laterais, ostenta um altar de talha dourada do século XVII. Na capela do cruzeiro do lado da epistola (Capela do Santíssimo) vê-se engastada na parede, uma lapide sepulcral demonstrativa da sua instituição pelo Dr. Paulo de Pedrosa Meirelles, prior de Marvila e de S. Nicolau. Sôbre a pedra tumular assenta um escudo com as armas do instituidor. A particularidade mais interessante desta capela, consiste na revelação da data dos seus azulejos azues e brancos enxadrezados, feita em algarismos entalhados no proprio azulejo (1620).

A Igreja de Marvila, oferece-nos ainda, digno de reparo: um pulpito de pé, balaustrado por onze colunas caneladas, que deve datar dos fins do século XVII ou dos principios do século XVIII.

Essas colunas são rematadas por capiteis jônicos ornamentados. A capela absidal do evangelho dá ingresso à sacristia por uma porta, ornada de diamantes lavrados diversamente. E' esta, das três capelas da abside, a única desprovida de azulejos o que desagrade à vista em comparação com as restantes em que a

principal se salienta com o seu lindo tétó polinervado, ostentando no fecho principal as armas do reino e nos quatro secundarios a cruz de christo e a esfera armilar.

Na parte alta da cidade, S. João de Alporam, S. Francisco, Santa Clara, Marvila e Graça, representam, por assim dizer o nucleo architectural mais antigo. Resta-me pois tratar dos monumentos posteriores ao século XVI, alguns dos quais, são já a resultante de reconstruções e só como tal os poderei considerar visto tratar-se dum relatório de momento. Assim pois, da época de seiscentos; são belissimos exemplares, a egreja do Hospital e do Seminário Patriarcal. A primeira que é muito espaçosa e de uma só nave, tem cinco altares do lado do evangelho e outros tantos do da epistola. A capela-mór tem de apreciável o friso que corre sôbre a mesa do altar, onde a representação da *Ceia do Senhor* é feita por pequenas figuras em meio corpo, de madeira colorida e em relevo. No tétó desta capela (lado do evangelho) pôde ler-se «ANNO DE», a que se opõe do outro lado «1649» Na capela de Santo António, do lado do evangelho, vêem-se interessantissimos azulejos de motivos soltos, alguns dos quais pouco vulgares, como por exemplo o que nos apresenta um *tipo de mulher trajando à moda de 1680, de leque*, toucado alto, etc. A sacristia tem nas paredes vários quadros de importância nula, os azulejos, porém que as forram, têm um certo interesse, são azues e divididos por quatro painéis pintados com uma grande largueza de composição e que descrevem a vida de S. Francisco, sendo cada dois quadros intercalados pela representação iconográfica da, *caridade, obediência, oração e paciência*. — Um detalhe: o tétó do subcôro é pintado a fresco. — Observada a Egreja do Hospital, muito conhecida, pela *Egreja do Sítio*, entremos após alguns minutos de caminho; no Seminário dos Jesuitas, da evocação da antiga padroeira do reino. Embora a construção obedeça à severidade esmagadora e sobria que caracteriza as edificações dos prosélitos de Inácio de Loyola, não podemos deixar de confessar que o templo nos deslumbra, não sómente pela sua magestade, mas por outras razões de monta; não tendo justificação o que diz Almeida Garrett, quando lhe chama «duro e sem poesia» Basta a pintura do tétó e a delicadeza dos embutidos do mosaico da capela-môr, para lhe dar beleza e colorido.

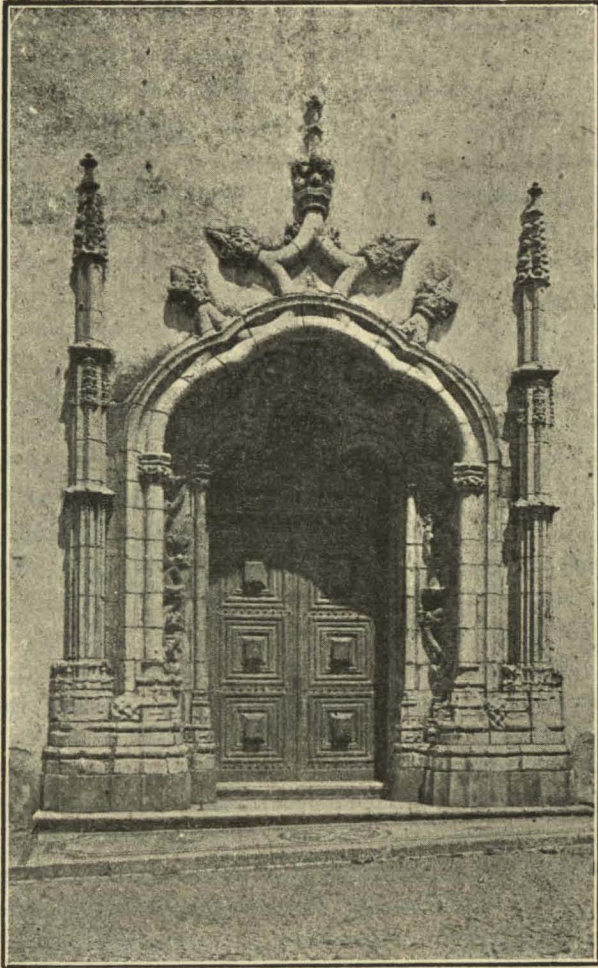
O fundador da dinastia brigantina cedeu aos jesuitas o seu palácio que se levantava naquele local, tratando immediatamente da fundação do Colégio da Companhia, D. Duarte da Costa, cujos

ossos lá se guardam. Na fachada da igreja estão colocadas duas a cada lado, as imagens de Santo Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e Santo Estanislau, vendo-se no alto, muito no alto, um nicho que abriga uma Nossa Senhora da Conceição, de famosas dimensões. A Igreja, a quem nela entra, sugere logo aos olhos, o acatamento, do ritual jesuítico, de *igreja de uma só nave*. A pintura do tecto, prende a nossa atenção, pelo brilho e pela minúcia, notabilizando-se principalmente a parte central em que se vê a Senhora da Conceição e os quatro ângulos da composição com alegorias às quatro partes do mundo, então conhecidas. Completam a decoração do templo belos altares de talha, ricamente lavrada. Para o edifício escolar entra-se por uma porta colocada ao lado direito das entradas da Igreja, tendo-se passado primeiramente sob um alpendre e sendo a comunicação feita por uma longa escadaria, acompanhada em todos os seus lances por lambriz de azulejos com figuras a azul bem delineadas. De fugida, podemos ver ainda, e por esquecimento, dela não falei, em sua altura, a igreja do nobre convento das Donas, hoje quartel de infantaria, onde a custo se vêem os túmulos do vice-rei da Índia, Martim Afonso de Castro e do 1.º Conde de Unhão Fernão Teles, esquecidos e abandonados, embora, o autor deste relatório, em tempos, bastante tivesse instado porque fossem respeitados e conservados, conseguindo tão sómente que ficasse mais uma vez, infructuosa, uma campanha de moralidade acerca da conservação do nosso passado.

Por último visitou a nossa Associação, a Igreja de S. Nicolau, destruída por um incêndio no século XVII. A reconstrução ficou documentada nos azulejos policromos que revestem as paredes.

Divisa-se como elemento mais antigo, numa arrecadação, uma abóbada artesonada, vendo-se numa parede uma lapide com as armas dos Leites Malheiros, o que parece indicar ser ali a capela de sua instituição.

Contígua à igreja e entrando por uma porta lateral que dá para a Rua de S. Nicolau, acha-se a capela de S. Pedro, que constitue, com certeza, a parte mais antiga, o que nos atesta eloquentemente, o túmulo nela existente, colocado dentro dum arco-solio e sobre cuja tampa se vê uma estátua jacente, acusando a inscrição, ser aquela a jazida de *Fernão Roiz Redondo* e de sua mulher *Marinha Afonso*. É um exemplar completo de túmulos do século XIV, tendo a data de 1339.



PORTA DA EGREJA DE MARVILLA  
Fotografia de Domingos Egreja

Voltando ainda à parte moderna do templo, admirámos o interessantíssimo túmulo de João Afonso de Santarém, obra delicadíssima do início do século XVI. É uma arca de tampo ornamentado, ladeada por prumos que sustentam arcaturas ogivais, pináculos com baldaquinos que abrigam imagens, modernamente colocadas. Toda esta rendilhada composição é sôbrepujada de uma cruz. O letreiro em gótico desenvolve-se em folhas, separadas entre si por outras onde se abrem as iniciais I. H. S.

Terminada a inspecção aos monumentos religiosos da cidade alta, notámos ligeiramente, pelo pouco tempo de que dispunhamos certos detalhes artísticos, como a porta lateral da Misericórdia, de expressivo relevo, a linda varanda de cantaria lavrada da Rua João Afonso, para ali sem dúvida, transportada de outro local; e como composição cerâmica o grande registo a azul, com a Senhora da Conceição, próximo do Largo de S. Nicolau e a característica figura na mesma côr e amarelo, que em vestimenta do final do século XVIII, borda, graciosamente recortada, o patamar duma casa do Largo Passos Manoel, em cuja praça e fronteira à Casa da Companhia, se vê ainda uma curiosa janela, por várias vezes e em vários escritos mencionada.

Na estrada de curvas caprichosas, que desce para a estação dos Caminhos de Ferro, e numa baixa alfombrada de verdura, alberga-se resignada, escondida às inclemências da natureza e dos homens, a singularíssima Fonte das Figueiras, única no seu género, no país, com a típica sobriedade da sua construção. É pouco, o muito que se diga dêsse formoso corpo arquitetónico da base retangular, com entrada livre, formado por arcos ogivais com cobertura coroada de ameias de extremos piramidais. A originalíssima Fonte das Figueiras, começa a ser compreendida pelos santarenos e encarada com a consideração a que tem direito, *pela sua idade*, e pela sua fisionomia artística!

Propositadamente deixei para último lugar, a Igreja da Santa Iria, cuja lenda da sua evocada, celebrizou ao mesmo tempo Santarém e Thomar! Aí, na laboriosa Ribeira de Santarém e Alfange, o espirito esclarecido do nosso consócio João Arruda, emprestou com mais interesse, mas sempre com a mesma gentilêsa e competência, todos os seus conhecimentos que a nossa curiosidade de investigadores procurava constantemente. E, não é para extranhar, que o ilustre jornalista e escritor, se desvelasse em valorisar, justamente, a igreja que se ergue na povoação onde êle habita e que naturalmente tanto o enleva. João Arruda, que, com

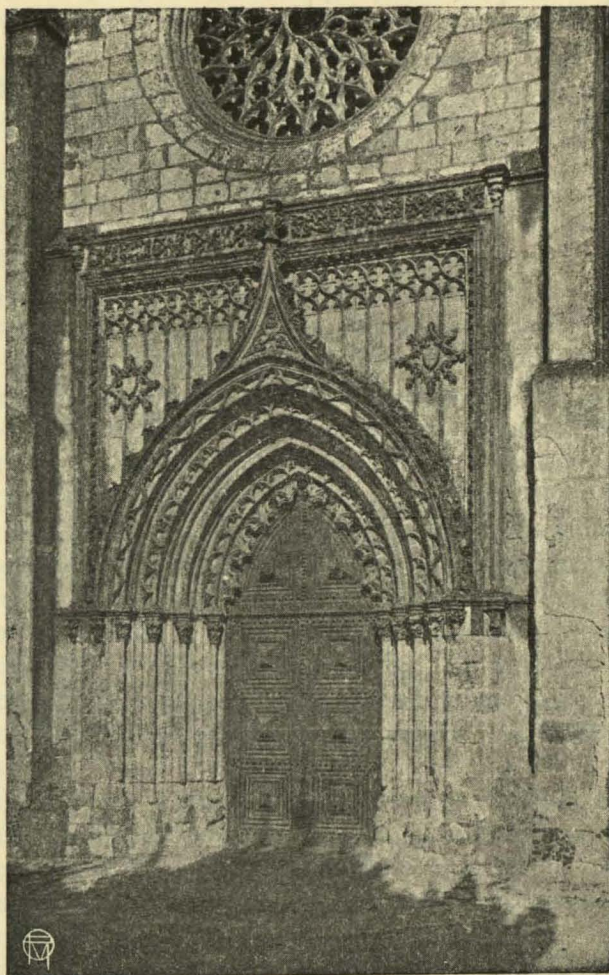
Ferreira Braga e Mêna Junior, dois santarenos ilustres, tantas indicações de valia nos deram, no decorrer da nossa peregrinação; merece bem, que lhe consignemos aqui o nosso agradecimento e a maneira mais eloquente que temos de o fazer, é o manifestarmos o quanto nos agradou a sua Igreja da Ribeira de Santa Iria; que, se bem que seja uma reconstrução do fim do século XVII (1688), nos denota ainda antiguidade e arte nas suas naves do final do século XVI e na policromia dos seus azulejos do século XVII, sendo particularmente interessante a decoração do batistério de azulejos da mesma época e, em que se representa o batismo de Christo, no Rio Jordão; sendo para lastimar a falta de alguns, na parte inferior.

E' também, sobremaneira valioso o silhar de azulejos azues que forram a sacristia (quinze azulejos de altura) onde, em esplendido desenho, se acha representado o *Cantico dos Canticos*. Ao templo dá também um interesse muito particular, a reprodução desse Christo crucificado, a quem pendeu o rosto piedoso e a mão direita, quando, no dizer da lenda, o seu testemunho foi evocado, para chancelar, uma promessa de casamento que a soberba heraldica dum moço pretendia negar, à simplicidade plebeia duma pastora ingénua.

— Uma nota graciosa, colhi ainda, na Igreja de Santa Iria: Na nave do evangelho, em campa rasa, um letreiro, diz-nos estar ali sepultado *Domingos Antunes, ferrador*, cuja profissão ficou bem documentada na *ferradura* aberta na pedra sepulcral!

.....  
 Taes são as impressões rapidamente colhidas, mas fundamentalmente gravadas, que a Associação dos Arqueologos trouxe da sua visita a Santarém, no curto praso de tempo que ali se demorou. Para os que já conheciam a cidade pelas suas fulgurantes tradições e ainda para os que já a haviam visitado, com um certo vagar, constituiu esse passeio de arte, uma imperecível recordação.

E' que, Santarém ostenta prodigamente encantos, em que a naturêsa e a arte dos homens se associaram por uma fórma bem patente. A tradição gloriosa da nossa raça, está bem ligada à sua história sob varios aspéctos. Foi muitas veses, residencia de reis e lá celebraram côrtes, D. Affonso III, D. Affonso IV, D. João I, D. Affonso V e D. João II. Em Santarém, viveu e morreu S. Frei Gil, a quem Theophilo Braga, chama «*Singular figura que na insurreição mental da primeira renascença, representa, a par*



PORTAL DA EGREJA DA GRAÇA  
Fotografia de Domingos Egreja

da corrente mística (António de Pádua) e da aristotélica averroista (Pedro Hispano), a corrente do negativismo crítico e naturalista...—» Duarte Pacheco, que à semelhança de Camões, tem uma dupla personalidade, pelejando na Índia no principio do século XVI e escrevendo o esplendido livro «*Esmeralda de situ orbis*»; Lopo e Manoel de Sousa Coutinho e o Chronista-mór Fernão Lopes de Castanheda.

A' vida da cidade scalabitana, anda profundamente ligada essa grande figura de Nun'Alvares, como tão literariamente o soube fazer *Almeida Garrett*, no *Alfageme*.—E, de Santarém, não são menos brilhantes as suas tradições liberais. Em 1640, Fernão Telles da Silveira, 1.º Conde de Unhão é a primeira pessoa que lá levanta o grito da independencia portugueza, sem para isso necessitar, que de Lisboa, lhe venha o aviso da revolução. Mais tarde, século e meio depois, quando das invasões francesas, o seu povo soube combater bem, e melhor o fêz, quando nesse periodo agitado de 1833 a 1834, defendeu a causa dos liberais.—E' preciso, pois, que a terra, que tão intensamente, tem sabido fazer valer os seus direitos, saiba também amar e respeitar os seus monumentos, porque nêles está encarnada e simbolizada a sua grande tradição! Para encetar essa ardua proteção do seu patrimonio, já hoje conta, com a *Comissão de salvação dos monumentos de Santarém*, onde se agrupam energicas vontades, criterios decididos e illustrações sádias, que não hesitam no proseguimento do seu caminho digno de entusiastico louvôr, a quem a Associação dos Arqueologos, pela minha voz, saúda neste momento.

E a nossa coletividade, enaltecida já, digâmos imodestamente, por uma grande obra, continuará a lutar com o ardôr que provem do seu desinteresse, velando o nosso passado artistico, com a sinceridade, e o que é mais, com a autoridade do seu alheamento politico, porque só assim, a sua existência se compreenderá! Mas, para que essa emprêsa de revivescencia artistica se consolide e frutifique, é indispensavel que os poderes publicos nos ajudem eficazmente, a nós e a todos que se interessam e dedicam a tudo o que é a arte e a boa tradição da sua terra, para não assistirmos ao desabar completo dum patrimonio, que a desaparecer nos colocaria, dentro deste paradoxo — *dentro da patria e sem patria!*

## Relatório da gerência da Direcção em 1916

SENHORES E CONSÓCIOS:

O último relatório da Direcção da *Associação dos Arqueólogos Portugueses* tem a data de 13 de Janeiro de 1916. Era 1915 o ano derradeiro da gerência dessa entidade, à qual presidia o mesmo nôme de agora. A nova Direcção tomou posse em 2 de Março do ano transacto.

Em cumprimento da disposição estatutária, os abaixo assinados vêm dar, em seu primeiro Relatório, à Assemblêa Geral contas da gerência exercida desde então até ao fim do ano preterito.

Antes de iniciar a menção dos factos abrangidos por êste periodo, carece esta Direcção de que vós a relevéis da demora deste Relatório. Para tal atraso contribuíram os preliminares e os successivos adiamentos da béla exhibição de arte industrial popular, que os ilustres redactores da *Terra Portuguesa*, levaram a efeito nas salas da nossa Associação e á qual nós nos ligamos por um acôrdo de character moral e económico.

Posto isto, vamos procurar desenrolar diante de vós a successão dos factos, que ficaram inscritos nos nossos anais, durante o periodo alegado. E pareceu-nos útil para o vosso minucioso exame e conveniente para a nossa própria exposição, atento o largo registo que teremos de vos patentear, embora o limitemos ao que tam sómente se repercutiu no seio da Direcção, que sistematizassemos todos os factos em harmonia com uma classificação adequada à sua natureza.

É que a actividade desta gerência por si mesma se singulariza, de um modo que nos pacifica a consciência, perante o passado desta Associação; basta dizer-vos que, no ano de 1916, se celebraram 21 sessões da Direcção.



FONTE DA FIGUEIRA  
Fotografia de Carlos Gomes

Não poderemos pois sêr arguidos de insuficiente solicitude no exercício dos nossos cargos ; bem enraizado temos o propósito de levar esta Associação ao fastigio que ela, sendo das mais antigas Associações nacionais, deve ocupar na sciência portugüesa.

Assim, caros consócios, subordinamos a nossa exposição ao seguinte esquema puramente convencional :

- I — *Factos da vida intelectual da Associação ou dos seus membros ;*
- II — *Factos da vida interna da Associação ;*
- III — *Factos da sua acção externa ;*
- IV — *Factos diversos.*

## I

Os factos de ordem intellectual, que respeitam à vida da nossa Associação e se reflectiram nas actas da Direcção, as quais são os documentos da nossa gerência, abrangem :

- a) — a publicação do Boletim e dos Relatórios de estudo.
- b) — as produções literarias ou artisticas dos sócios.

### **Boletim e Relatórios de estudo**

A publicação do nosso *Boletim* foi uma das preocupações da Direcção e contudo, durante o ano de 1916, não foram publicados mais que dois números, sendo um da Comissão redactora transacta. O *Boletim* é considerado por esta Direcção como a propria voz da Associação ; sem o Boletim, êste agrupamento de homens, dedicados ao estudo e ao apreço do passado artistico e monumental da sua patria, seria como um sêr afónico e inexpressivo. Mas a crise industrial do papel, o aumento de todos os salarios, o periodo de reconstituição financeira, que a Associação atravessa, sobrepujam a nossa vontade. Não sucumbiremos porém ; não nos faltarão originaes e interessantes trabalhos dos nossos sócios a fim de tornar útil e instrutivo o *Boletim*, mas carece-se de tempo para se regularizarem todas as condições necessarias á sua publicação normal. Esta situação porém não pode eternizar-se. A questão foi ventilada em diversas sessões da Direcção, intervindo no assunto um vogal da Comissão Redactora e acordando-se alfim, que, entre as casas editoras bem conceitua-

das, alguns membros da Direcção procurassem chegar a uma combinação aceitavel, que proporcionasse a saída regular do *Boletim*, almejado escopo.

Desta fórma, foi posta de parte, por inexequivel, a hipótese de um entendimento com a Imprensa Nacional, também sugerido. Antecipadamente publicou-se, como Boletim, o *Relatório* da Comissão das excursões ao termo de Lisboa, realizadas em 1914 e 1915, sendo seu relator o nosso erudito consócio, Gustavo de Matos Sequeira. Não precisais vós, senhores, que dediquemos quaisquer palavras a enaltecer o trabalho desempenhado e valorizar o soberbo relatório descriptivo, esmaltado de elucidativas zinco e fotografuras, para o qual a competencia artistica, arqueologica e literaria dos membros dessa comissão foi o penhor do brilhante resultado.

### **Produções Literarias ou Artisticas dos Sócios**

A Direcção não fica indifferente a estas manifestações de cultura scientifica ou artistica, que dão realce e lustre a êste velho agrupamento de trabalhadores.

O folheto *A Defesa de Evora*, publicado pela nossa Associação e baseado em uma proposta do nosso consócio José Queiroz, representa uma das mais originaes iniciativas tomadas em Portugal. Êle contém uma proposta, um programa e um incitamento. A sua publicação ha de sêr sempre motivo de desvanecimento para a *Associação dos Arqueologos* e uma gloria inesquecivel para os seus auctores. Espalhado em Evora, êste opusculo é a prova provada de que a nossa Associação trasborda de seiva impulsiva. Os naturais de uma terra quasi nunca são os que possuem melhores pontos de vista para as belezas dela; mas oportunamente advertidos, devem sêr os seus mais tenazes, sinceros e prontos defensores. É o que esperamos suceda aqui.

Em uma das nossas sessões, também se ergueram os merecidos e sinceros louvores à obra do nosso distintissimo consócio, Gustavo de Matos Sequeira, autor de *Lisboa depois do Terremoto* (Lisboa, 1916).

A grande aceitação publica dêste trabalho consagra definitivamente o sr. Matos Sequeira que, no frontispicio do seu livro, se orgulha do seu título de *Sócio da Associação dos Arqueologos*. De passagem, diremos que diversas circunstancias têm impedido que êste nosso distinto confrade realize uma conferência,

para que foi convidado durante 1916, sobre o antigo convento das Francesinhas; esperamos que ainda este ano ela se realize no nosso edificio.

Outra manifestação da intellectualidade de consócios nossos é a revista *Terra Portuguesa*, cuja redacção pertence aos srs. Dr. Vergilio Correia, D. Sebastião Pessanha e Alberto de Sousa. Foi ela que, promovendo uma Exposição, a que abaixo nos referiremos, realizou conferencias preparatorias com a Direcção, da qual elegemos um dos membros para delegado perante a comissão promotora. A Direcção honrou-se de colaborar na fecunda e erudita iniciativa desses nossos consócios.

Não pretendemos relacionar aqui toda a série de multiformes produções da actividade litteraria ou artistica dos nossos consócios; isso seria objecto alheio ao restrito ambito de um relatório exclusivo da Direcção; mas de leve exaramos a nossa opinião de que é conveniente elaborarem-se outros Relatórios de character mais geral do que o de uma Direcção.

## II

A segunda ordem de factos, de que nos ocupamos, são os da vida interna da Associação e esses ramificam-se em 3 classes:

- a) — *factos de natureza museografica,*
- b) — *factos de character administrativo,*
- c) — *factos de ordem demográfica.*

### **Factos de natureza museográfica**

Quanto a esta classe de factos ou providencias, podemos assegurar-vos que a remodelação fundamental do *museu* nos preocupou desde a primeira hora. Dizem-no as nossas actas. A nossa situação poderia ser mal comprehendida por outras intelligencias que não fôsem as vossas. Nós laboravamos num circulo vicioso; ou haviamos de preparar e grangear receitas para os trabalhos da transformação do nosso Museu e sopear temporariamente a nossa ansia de elevar o museu á devida altura, retardando a sua remodelação, ou desistirmos definitivamente dela, por falta de recursos, entregando-nos a um cómodo e *dolce far niente*, para que aliás nos não prestávamos.

Mas não: as responsabilidades dos nossos cargos, o amôr a

êste velho solar da Arqueologia Portuguêsa, a veneração pelo seu passado intemerato bradavam á nossa consciencia e sacudiam a nossa indecisão. Por um lado, aceitávamos um acontecimento, que nos havia de trazer receita, embora nos retardasse a acção inovadora; por outro e simultaneamente, procurávamos têr entendimentos e solicitar auxilios officiaes, que nos aliviassem o orçamento sem comprometer o nosso programa.

Desde 1914 que se entendia que, para a remodelação e transformação do nosso *museu*, era indispensável proceder a *algumas obras* nas salas ou capelas do edificio, primeiramente nos pavimentos apodrecidos e depois nos mostradores, abaixo de modestos. Conseguimos que o illustre Director Geral de Obras Públicas e Minas e benemérito da nossa Associação, acompanhado do Sr. Engenheiro Humberto Borges de Castro, Director da 3.<sup>a</sup> Direcção de Obras Públicas e do Sr. Architecto Leonel Gaia viesse expressamentê visitar as ruínas do Carmo e apreciar *de-visu* a justiça das nossas solicitações. Teve esta Direcção grande jubilo, que ficou consignado nas actas, quando logo de principio o Sr. José Maria Cordeiro de Sousa prometeu ao nosso Presidente a sua próxima visita e muito maior quando s. ex.<sup>a</sup> concordou com os nossos desejos, declarando tomar á conta do Estado o encargo resultante que, para as nossas forças financeiras, era um impossivel.

Resolvia-se que, feitas as obras e fechada a Exposição de Tapetes, se procedesse á remodelação imediata do *museu*, apenas com uma reserva intransigente: a *remoção de alguns dos tumulos medievais* para dentro do edificio. Êste era para a Direcção um ponto de honra. Um cálculo de estimativa, elaborado por consócios nossos, competentes neste género de trabalhos, impedia-nos de recorrer ao cofre da Associação para tão necessário emprêndimento. Mas a vontade de poupármos a inclemencia de mais um inverno sôbre essas preciosidades era inflexivel a quaisquer temporizações; ainda que se reconhecesse indispensável uma cotização particular entre os sócios, a transferencia dos ricos monumentos para as capelas havia de fazer-se implacavelmente, antes da abertura da Exposição, tivessem ou não começado as obras por conta do Estado. Êste era o nosso inabalavel proposito.

Felizmente os esforços e instancias de três dos nossos confrades encontraram o devido premio na boa vontade das estações officiaes. As nossas actas traduzem bem a nossa ansiedade no tocante a esta magna questão. O Sr. José Maria Cordeiro de Sousa

e o Sr. Architecto António do Couto deram-nos provas de se acharem unificados com os nossos ardentes e já antigos sonhos, concordando aquêlê com a nossa nova solução do problema, pois que a *marquise*, a principio lembrada, não satisfazia inteiramente o intuito que nos inspirava.

Eram três os tumulos que a Direcção e os Conservadores do Museu assentaram que não deviam permanecer por mais tempo expostos aos agentes atmosfericos. Em primeiro lugar, o sarcophago monumental de el-rei D. Fernando I, obra prima de escultura do principio do século XV, filigrana de pedra, que o salitre e a chuva iam diluindo impiedosamente; depois o do principe D. Fernão Sanches, segundo o catalogo do Museu, publicado em 1876, com a respectiva estátua em decubito lateral e por fim o attribuido á princeza D. Constança e sobrepujado pela tampa mutilada a meio, em que jazia uma figura viril.

A vossa Direcção conseguiu realizar este *desideratum*, que era o primeiro capítulo do seu plano de transformação do museu. Era, do mesmo passo, o mais complicado trabalho, mas, a pertinacia de todos, e os bons officios do nosso Presidente e dos vossos consócios Mena Júnior e José Queiroz triunfaram de todas as preocupações; os tumulos estão, desde 1916, ao abrigo das nossas abobadas, sem que ocorresse, no seu delicadissimo transporte, a menor contrariedade ou mutilação, mercê da cuidadosa pericia de mestre Carlos Simões Franco, convenientemente dirigida, tendo assistido a este trabalho de grande responsabilidade, por parte da Direcção, o Sr. José Queiroz.

A escolha da sala, para onde foram trasladados estes monumentos, foi objecto de estudo por uma comissão composta do nosso Presidente, do nosso consocio Rosendo Carvalheira e dos Conservadores; como vêdes, as ruinas evocadoras da antiga capela-mór do templo de Nossa Senhora de Vencimento ganharam, se era possivel, em majestade com a presença do ataúde real, embora vasio e profanado. Um ambiente mais grave e solene rodeia o precioso cofre mortuario do rei mediévico. Num pavimento sagrado êle se nos afigura repousar agora de maneira tam estreita e composta, como se ali estivesse desde o principio; tal é até a impressão de sincronismo e de harmonia architectonica, que emerge das paredes da nossa gótica oussia, em volta do monumental sarcophago quatrocentistico. Caros Consócios, até pelos de fóra nos encontramos nessa ocasião applaudidos: a *Sociedade de Estudos Historicos*, a quem o Sr. José Queiroz dera conheci-

mento da remoção, elogiou o nosso feito; o que consolador reforço dá á nossa consciencia, pela resolução tomada.

Algumas das capelas do nosso edificio chegaram a estar vedadas ao público; era uma dolorosa necessidade, contra a qual se lutava no próprio seio da Direcção; mas quando circunstancias de força maior esmagam os nossos desejos, o caminho é aguardar oportunidades mais favoráveis.

É certo que as obras, de que o medieval edificio carece, não se limitam a esta remoção dos tumulos artisticos; outros ha de que vós já tendes conhecimento por anteriores Relatórios e que oportunamente se farão, porque nem nós afrouxaremos na cruzada, nem as promessas de um nosso verdadeiro amigo, e já hoje benemérito desta Associação, poderão sofrer desmentido.

O Sr. José Maria Cordeiro de Sousa não limitou a sua visitoria aos pavimentos do edificio, mas transportou-se aos terraços, examinando tudo com a maior atenção.

Outras obras realizadas na nossa séde á custa do Estado consistiram na pavimentação provisória da sala de André de Resende e no desentaipamento da porta ogival, que antigamente estabelecia comunicação entre esta capela, a torre e a *Grande Sacristia*, que estava servindo de caserna a uma companhia da Guarda Republicana e ainda nas reparações das abobadas.

Devemos dizer que este vasto recinto, iluminado outrora por gloriosas janelas ogivais e com o alto tecto artezonado, foi alvo de solicitações nossas ao Sr. Ministro do Interior, Mousinho de Albuquerque, que para esse fim se dignou visitar a nossa séde. Nós esperamos que a nossa Associação adquira maior desenvolvimento, que as suas colecções em primeiro lugar reflectirão, e compreendeu a vossa Direcção quanto poderíamos lucrar com a aquisição desta vasta capela, que aliás completa a parte monumental do edificio do Carmo. Concordou connosco o Sr. Mousinho de Albuquerque, ficando resolvido que, logo que a Guarda Republicana disponha de instalações que lhe permitam dispensar esta caserna, a antiga sacristia será adjudicada á nossa Associação. Ora estamos informados de que não vem longe esse momento, no próprio interesse da Guarda Republicana.

No decurso das obras encontraram-se alguns recessos, que não eram conhecidos.

Na sala de André de Resende, havia um *carneiro duplo*, onde parece que se tinham acumulado desordenadamente despojos mortais de várias pessoas; tudo foi extraído, pondo-se a bom

recato alguns crâneos e outras peças osteológicas, bem como outros insignificantes objectos ; tudo fará parte das nossas colecções. O subterrâneo foi em seguida obturado por duas lages.

Na sala de Possidónio da Silva, encontravam-se embebidos na espessura da parede uns pequenos *ossuários* de mármore, em forma de urnas. Pelo seu estado de deterioração, resolveu-se que fôsem retirados do seu lugar e expostos como peças do museu. Segundo a investigação do nosso colega da Direcção, Sr. Affonso de Dornellas, a urna do lado do Evangelho contém os restos de Gil Aires Moniz, escrivão da puridade do Condestável e a do lado da Epístola era da família do mesmo Moniz, sem haver a certeza da pessoa a quem pertenceu.

### Factos de carácter administrativo

Os factos de carácter administrativo, em que a nossa Direcção interveiu, rápidamente vo-los enumeraremos.

Já em anteriores gerências se reconhecera a necessidade de novos *diplomas*, que até eram solicitados por muitos sócios ; efectivamente a nossa Associação carece de rejuvenescer em tudo e, sem perda do respeito pelo nosso passado, podemos e devemos enveredar por caminhos de inovação, que estimulem os novos companheiros ao trabalho e ao estudo. Dificil seria encontrar quem pudesse desempenhar-se da incumbência de delinear um diploma mais artístico e mais moderno do que o que devemos ao Sr. Alberto de Sousa. O desenho evoca as ruínas, que são a nossa moradia intelectual, de uma maneira tam exacta como suggestiva. Não podíamos deixar de consignar neste documento os nossos reconhecidos louvores ao autor, que é também nosso confrade illustre. A qualidade do cartão, a côr de fundo de impressão foram objecto de estudo por parte da Direcção ; tudo concorria para a harmonia do conjuncto.

Outro distintivo, que carecia de reforma, era o da *medalha*, em cujo desenho o bom gôsto, a originalidade e a nossa tradição deviam fundir-se para resaltar palpitanes à flor do cunho. Julgámos que se efectivaram êstes requisitos no tipo adôtdo, de que mandámos cunhar 25 exemplares, fixando-se o preço de 3 escudos para esta emissão primeira.

Não tinha ainda a nossa Associação uma *bandeira* ; não era fácil emanciparmo-nos dos costumados modêlos e contudo seria impróprio de uma Associação da natureza da nossa cair na vulga-

ridade, que por ai se estadeia aos quatro ventos. Escolheu o nosso colega Luís Betencourt a velha bandeira histórica da cidade, collocando-lhe ao centro, como num globo de luz rútila, as brancas iniciais da *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Aprovada em Assembléa Geral, já ondulou solene e donairoza sôbre a fachada do nosso santuário, durante a Exposição de tapetes de Arraiolos.

Obra administrativa é ainda o que concerne ao *peçoal* desta casa. No princípio de 1916, foi dispensado do serviço o empregado do museu Ernesto Pinheiro, que prestou contas ao nosso digno tesoureiro e foi substituído pelo Sr. José da Silva Lopes. A escolha dêste empregado não podia ser mais conveniente a nossa Associação, como todos já temos podido verificar. A sua honestidade e a sua dedicação fazem do Sr. Silva Lopes um ótimo empregado; é preciso saber que também possui aptidões para servir de cicerone a estrangeiros, visto como fala algumas linguas.

O antigo porteiro, José dos Santos, estava longe de satisfazer a Direcção; eram muito deficientes os serviços de limpeza; eram frequentes as ausências. Resolveu a Direcção dispensá-lo do serviço desde 1 de Setembro, mas garantindo o vencimento até 30 do mesmo mês; tendo nós depois resolvido demorar a demissão por mais um mês, o aludido empregado abandonou o lugar, em virtude do que nomeámos outro porteiro, depois de obtidas as indispensáveis informações; a nomeação recaiu no Sr. Domingos Miranda, que está em em exercício desde 1 de Setembro de 1916.

Tivemos ocasião de obter de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. General Correia Barreto, a quando de uma visita do nosso Presidente acompanhado de alguns sócios da Secção de Arqueologia Olisiponense, uma concessão, que muito nos penhorou e foi a de que a *sentinela* da porta das armas do Quartel alargasse a sua vigilância até às escadas de acesso ao pórtico do nosso edificio, porque elas se estavam tornando campo de recreio para o rapazio do bairro e paralelamente conseguimos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil de então, por instância do Sr. Mousinho de Albuquerque, com quem conferenciára o Sr. José Queiroz, que se destacasse permanentemente um *polícia* para o largo do Carmo, a fim de vigiar não só a nossa fachada como o chafariz, obra de arte architectónica muito apreciada, cuja conservação nos não pode ser indiferente.

No fim do ano, arbitrámos, consoante o costume, modestas *gratificações* ao nosso pequeno pessoal, conforme a sua categoria, como podereis vêr nas contas da gerência.

Aqui tendes, caros consócios, os factos rigorosamente de natureza administrativa que praticámos, no período que este Relatório abrange.

### Factos de ordem demográfica

Este terceiro grupo de factos, que vos importa conhecer, são aqueles que respeitam à população associativa e por isso os chamámos *demográficos*. Durante o ano transacto, foram admitidos 19 sócios, que nos darão o concurso da sua competência, do seu zêlo e do seu amor pela antiguidade.

Não especializámos nomes, para não parecer que estabelecemos precedências, onde apenas se comprehendem as diversidades inerentes a natureza individual e não aquelas que à vontade pudessem imputar-se e esta, não podemos deixar de presumir que seja do melhor quilate em todos os nossos eleitos.

Sem embargo, a cortezia e a justiça mandam-nos que destaquemos os nomes das *senhoras*, que nos honraram com a sua aquiescência para fazer parte, como sócias efectivas ou como beneméritas da nossa Associação. Foram as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> Marquiza de Fontes e D. Sofia de Sousa Viterbo.

E dos novos consócios, um só nome declinaremos, por ser de alguém que, embora o use estrangeiro, pelo seu consórcio e pela brilhante preferência com que versa os assuntos de investigação portugêsa, se tornou tam portugês como os que nesta nossa terra nascemos; referimo-nos ao Sr. *Edgar Prestage*, académico, membro de outras agremiações scientificas de Portugal.

No fim deste Relatório, vos damos a *lista dos sócios* que foram proclamados no decurso do ano de 1916.

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> *D. Sofia de Sousa Viterbo*, essa singular dama, em quem vemos a cada instante rediviva a memória de um nosso confrade, que foi ao mesmo tempo uma gloria da Associação e uma gloria de Portugal intelectual, foi por vós considerada benemerita da *Associação dos Archeologos Portugueses*; A Direcção resolveu entregar pessoalmente a S. Ex.<sup>a</sup> o diploma e a medalha, o que sobre modo a sensibilizou, mas este procedimento era para nós quasi um dever, que a memória eminente de Sousa Viterbo nos marcava.

Compete-nos por último, rememorar o nome de um consócio, que o túmulo acolheu e nos deixou o vácuo insubstituível do seu lugar; à assembléa pedimos um *voto de sentimento*. Foi o Sr. Joaquim Maria da Costa Macedo.

## III

A nossa agremiação não vive sómente no augusto recolhimento destas ruínas; como sabeis, mas necessário é que fique sempre consignado, ella pratica actos de expansão externa que partilharemos em duas classes:

- 1.<sup>a</sup> — *Visitas a localidades e monumentos;*
- 2.<sup>a</sup> — *Representações e instâncias a entidades officiaes ou particulares.*

### Visitas a localidades e monumentos

Antes de entrar neste assunto especial, permiti-nos, caros consócios, que tenhamos êste desabafo: Quando poderemos acrescentar a estas duas classes uma 3.<sup>a</sup> relativa a explorações archeológicas? Isto depende de todos querermos afincadamente contribuir para o engrandecimento da *Associação dos Archeologos Portugueses* e do seu Museu. E dito isto, sigamos o nosso plano methodico.

Realizaram-se no ano findo três digressões fóra de Lisboa, uma das quaes foi uma verdadeira missão archeológico-etnográfica, que se dirigiu a *Évora*, depois de uma prév.a visita de estudo. Esta foi em 10 e 11 de Junho; as outras nos primeiros dias de Dezembro.

A visita de estudo na capital do Alemtejo foi precedida de cuidadosas negociações, levadas a cabo pelo Presidente da Direcção, tanto para o alojamento dos excursionistas, como para a viagem a preços reduzidos; mas tudo foi coroado de bom exito, arraigando-se em todos a convicção de que estas proveitosas e instrutivas excursões se devem realizar anualmente a diversos pontos do país.

Desta visita nasceu a ideia da defesa dos monumentos da linda cidade alemtejana. Em 30 de Novembro último, dirigiu-se a Evora uma comissão que vós nomeastes em Assembleia Geral, sob proposta do Sr. José Queiroz e que se propunha distribuir naquella cidade um folheto alusivo, illustrado pelo hábil lapis do Sr. Alberto de Sousa e intitulado *Defesa de Évora*. Esta verdadeira missão artistica e patriótica, composta do Presidente desta Direcção, de conservador José Queiroz e do nosso consócio o Sr. Rosendo Carvalheira obteve em Évora um grandioso triumpho de

recepção, realizando-se no teatro de Garcia de Resende uma soleníssima sessão, onde concorreu, sem distinções algumas, tudo quanto Évora contém mais elevado na administração civil e militar, na burocracia e na fortuna.

À antiga *Scálabis* organizou a vossa Direcção outra visita, em que tomaram parte cerca de vinte sócios e outras pessoas, cujos mentores foram os Srs. Ferreira Braga e Nogueira de Brito, nossos consócios e o Sr. João Arruda.

O segundo dos nossos consócios ficou incumbido de redigir a narração dêste passeio artístico e educativo e decerto êle se desempenhará cabalmente dêste desejado trabalho.

Dentro de Lisboa, a mais interessante visita de estudo foi feita à igreja de *Madre de Deus* em 14 de Maio, a convite desta Direcção e promovida pela incansável secção de Arqueologia Lisbonense. O proveito que os visitantes auferiram, ficou assegurado pela competência dos prelectores, que foram o nosso Presidente e os Srs. José Queiroz e Matos Sequeira, cada qual sôbre os assuntos da sua especialidade.

Um grupo de sócios realizou uma visita à ermida de *Nossa Senhora dos Remédios*, onde tiveram ocasião de observar, pinturas de elevado mérito sôbre tábuas, atribuíveis ao século XVI. A esta visita seguiu-se um passeio pelo histórico e pitoresco bairro de Alfama sob a direcção do Sr. Matos Sequeira, nosso erudito olisipógrafo, que assim pode chamar-se.

O nosso Presidente, acompanhado de um núcleo de sócios, dirigiu-se ao quartel do Carmo para colher informações sôbre a *campanha* do célebre João de Guimarães, alfageme de Santarém, para nós de querida memória, obtendo um decalque da inscrição sepulcral e verificando-se que pode sem dificuldade deslocar-se a lapide, de modo que fique voltada para o transepto do templo do lado do Evangelho. Desta forma, pode bem ser observada pelos visitantes.

Ainda outra pequena excursão se efectuou, em 18 de Julho, a um antigo *aqueduto* com entrada pela rua de Afonso de Albuquerque, dentro do qual se encontraram cursivos e datas do século XVIII, traçados sôbre a argamassa fresca da construção inicial e que parece ser um dos que conduziam água para os Paços da Ribeira.

## Representações e instâncias a entidades oficiais ou particulares

A 2.<sup>a</sup> espécie de actos de acção externa da nossa Associação é a consequência da vigilância, que exercemos sobre a conservação dos monumentos e obras de arte antiga. A nossa mais importante intervenção foi a que dizia respeito a um colossal carregamento de antiguidades orientais, que estavam depositadas em uma dependência da Alfândega de Lisboa e que um navio alemão apreendido transportava para o norte da Europa. Muitas dessas antiguidades, além do seu valor geral para a história da arte, tinham para nós importância particular, visto que na nossa arqueologia pré-histórica se encontram notáveis coincidências e analogias com o estilo, a forma e a significação desses objectos.

A vossa Assembleia Geral de 8 de Novembro ocupou-se do assunto, delegando na Direcção o encargo de representar ao Governo sobre a conveniência de serem expostas, transitória ou permanentemente, essas notáveis antigualhas. O Presidente desta Direcção elaborou uma representação sólidamente fundamentada e uma comissão foi apresentada uma cópia ao ilustre Ministro das Finanças e outra ao titular da pasta da Instrução, respectivamente Srs. Drs. Afonso Costa e Pedro Martins.

Só pudemos avistar-nos com o primeiro destes Srs. Ministros em 29 de Dezembro do ano findo: S. Ex.<sup>a</sup> declarou que o assunto era juridicamente melindroso, mas que deligenciaria satisfazer os desejos da Associação, até onde fôsse possível, devendo esta contar com a boa vontade do Ministério das Finanças, onde se não levantariam dificuldades. A comissão, agradecendo, acentuou que ela apenas tinha em vista prestar o seu concurso às entidades oficiais, a quem impedia interferir directamente no assunto. Na acta desta Direcção de 16 de Novembro de 1916, ficou transcrita na integra a nossa substanciosa exposição.

Nova demonstração dos nossos esforços, em prol dos pátrios monumentos, foi a que praticámos com a notícia de que o Sr. José Queiroz se fez éco, na sessão da Direcção de 28 de Novembro de 1916.

Na estrada de Santarém a Peniche, ao norte do Casal do Rei, quilómetro 42, à distância de 1:600 metros da estrada, frequentes de Vidais, erguia-se um monumento ou memória, que demarcava a entrada dos coutos de Alcobça e era conhecida pela denominação de *Rei da Memória*. Constava de um arco, ao pa-

recer da época românica, que se abria a meio de um pedaço de isolada parede de pesados silhares, rematada horizontalmente. Sobre esta construção collocaram, provavelmente no século XVII, a estátua de um guerreiro, D. Afonso Henriques, segundo a tração, no meio de duas pirâmides ornamentais. Na arquivolta estava gravada uma inscrição, talvez daquele século, e os pés direitos do pórtico parece que eram ornados de colunelos, que desappareceram.

Este curioso monumento ruiu. Resolveu esta Direcção officiar ao Sr. Director Geral de Obras Públicas, afim de que elle fôsse reconstruido ou, no caso de não o poder ser, a estátua fôsse resguardada no Museu Distrital de Leiria; para que não mutilassem entretanto esta escultura, alguém tinha tido a feliz lembrança de a enterrar. No conselho dos Monumentos Nacionais, também o nosso Presidente se occupou d'este caso.

Na sessão de 7 de Dezembro, o nosso confrade Sr. Mena Júnior lembrou que se tratasse de solicitar para o nosso Museu o pórtico lateral da igreja e convento das *Francezinhas*, pórtico que era encimado por um edículo, onde se ostentava uma imagem de pedra, de Cristo na cruz, de bela factura, com uma auréola radiante. O conjunto é característico do século XVII.

Averiguando-se que era ao Ministério da Instrução Pública que deviamos dirigir-nos, resolveu-se que os conservadores se incumbissem dessa missão. Em 28 de Dezembro, o Sr. José Queiroz informava a Direcção de que tudo estava muito bem disposto, para que estas antigualhas nos fôsem entregues. Há muito que o edículo do pórtico foi apéado, mas a demolição da igreja achá-se suspensa, existindo ainda no seu lugar o pórtico de que se trata.

A cruzada de dedicação e defesa do antigo, por parte da nossa Direcção e dos nossos consócios, não se limitou a intervir perante entidades officiais; teve o desassombro, a quasi rudeza de se dirigir até a uma empresa particular em prol da história da arte no nosso país.

Foi assim que, em presença de uma, aliás generosa e utilissima publicação que a casa do Sr. Marques Abreu, do Pôrto, ia lançar no mercado e que resolvemos assinar, o Sr. José Queiroz chamou a atenção para a má escolha do papel *couché*, em que as bellissimas fotogravuras dos monumentos românicos vinham impressas; trocou-se correspondencia entre o nosso Presidente e o Sr. Marques Abreu, ventilou-se o assunto no seio da Direcção, da

qual faz parte, como sabeis, o Sr. Dr. Xavier da Costa, capacidade clinica em oftalmologia, que não hesitou em condenar também o referido papel pelos seus efeitos prejudiciais á saúde dos olhos e pelas dificuldades de observação, que a incidencia da luz causa. Infelizmente, apesar de reconhecer a nossa razão, o Sr. Marques Abreu confessou que não lhe era possível obter outro genero de papel, nas actuais condições do mercado.

## IV

Prosseguindo de harmonia com o plano exposto, occupar-nos-hemos por ultimo dos *Factos diversos*, que não entram logicamente em nenhuma das categorias anteriores, mas que não deixaram de ter repercussão no seio deste Corpo gerente, que subcreve o presente documento.

Na sessão de 12 de Abril de 1916, tratou-se pela primeira vez da futura *Exposição de Tapetes de Arraiolos*, que se projectava realisar no nosso edificio, por iniciativa da *Terra Portuguesa*, resolvendo-se que a nossa Associação, cedendo prontamente o goso da sua séde, deslocando as suas collecções e encerrando o seu museu, não podia deixar de compartilhar dos lucros materiais; alem desta exposição, alguns sócios pensaram também na da história da Luminária, suggerida pelo sr. José Queiroz, a qual porém só poderia efectuar-se posteriormente. Em julho, realizou-se uma reunião conjunta da Direcção e dos Srs. Directores da *Terra Portuguesa*, assentando-se nas bases desse certame e resolvendo-se que o Sr. José Queiroz ficasse, como delegado da Direcção, fazendo parte da Comissão Organizadora dotada de plenos poderes como Comissão Executiva; fixou-se a abertura para novembro e resolveu-se imprimir um catalogo illustrado. Mas só já em 1917 (5 de Março) é que se fez o convite ao Chefe de Estado para a inauguração do certame e portanto o assunto fica fóra do periodo anual, a que este Relatório respeita.

Podemos contudo dizer neste documento que a nossa Associação, agenciando a instancias do nosso confrade José Queiroz a cedencia temporaria (e mais demorada do que se tinha em mente) de uma sala, antiga capela funeraria ou sacristia do Convento do Carmo, a qual estava servindo de camarata de uma companhia da Guarda Republicana, conseguindo a visita do Sr. Ministro do Interior, Mousinho de Albuquerque, graças ao valimento daquele

mesmo nosso confrade, visita á qual já deixamos referencia neste Relatório, cumpriu um dos aspectos da sua missão artistico-arqueologica, prestando ao renascimento de uma encantadora industria passada um concurso eficaz.

Continuamos a enumeração dos *Factos diversos*:

A *Universidade Livre* pediu a nossa coadjuvação para uma visita de estudo á Madre de Deus; pedimos consequentemente ao nosso eminente consócio Rosendo Carvalheira que se dignasse valorizar essa visita e o seu proveito com uma palestra explicativa no próprio local. Aqui deixamos ficar exarado o nosso reconhecimento ao nosso categorizado consócio.

Realizou-se em casa do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Patriarca de Lisboa uma sessão solene da *Juventude Católica*, que gentilmente convidou a nossa Associação a fazer-se representar nesse acto. Por incomodo de saude, o Sr. Presidente da Direcção não poudo comparecer; o Sr. Secretario recebeu então o encargo de representar a nossa Associação nessa Assembleia, onde se comemorava o nome de um heroe portuguez, a quem esta agremiação deve um culto muito particular, pois que as paredes sagradas da nossa séde associativa são as mesmas que o grande Condestável ergueu na aresta do elevado penhasco de Val-Verde.

Por uma deliberação tomada, foram restituídos ao Sr. Matos Sequeira os *livros*, que este nosso consócio tinha depositado na qualidade de membro da secção de Heraldica, sendo declarado sem efeito o carimbo, que indevidamente tinha sido aposto a quando da catalogação da nossa Bibliotéca.

Informada da longa enfermidade de um nosso illustre confrade, antigo membro das Direcções transatas desta Associação, á qual deu o melhor do seu esforço com a assiduidade e com as suas tão uteis publicações, a actual Direcção incumbiu dois dos seus membros de procurar o Sr. Rocha Dias, para lhe levar os nossos votos pelo seu restabelecimento.

Por carta o nosso antigo consócio agradeceu a nossa deliberação.

Caros consócios, a vossa Direcção, compenetrada do papel educativo, artistico e patriótico, que uma Associação da natureza e categoria desta tem de desempenhar no momento histórico presente, intenta cada vez mais rejuvenescer a actividade deste agrupamento de homens especializados, sem que deixe de verificar que, desde o estabelecimento das secções de estudo, ela de-

nota um certo movimento ascensional, que é preciso não deixar esmorecer e antes secundar e favorecer sem descanso.

Nesse intuito, está ha meses entregue a um trabalho pertinaz de refundição dos *Estatutos* para os amoldar a criterios, que considera mais fecundos e modernos. Infelizmente a crise economica, que o país atravessa, retarda e entorpece bastante a energia do nosso espirito, mas nem por isso deixaremos de lutar, lançando á terra a semente de que, talvez só depois de nós, outros mais afortunados ceifarão a messe.

E aqui tendes, senhores, os factos da nossa gerencia de 1916, sumáriamente descritos e acaso, para quem julgue este Relatório pelas suas dimensões, excessivamente desenvolvidos. Foram porém, numerosos os actos, acontecimentos e assuntos, em que tivemos parte, a fim de exercermos com lealdade e acerto as nossas funções e por isso a narração de tudo não podia ser tão condensada que chegasse a ser omissa.

RELATOR

*Felix Alves Pereira.*

SENHORES E CONSOCIOS :

O ano de 1916, como sabeis, foi o primeiro da nossa gerência.

Á confiança que em nós depositastes, tentámos corresponder com os nossos sinceros esforços em favor do desenvolvimento e prosperidade da nossa Associação.

Lisboa, 14 de Junho de 1917.

- O PRESIDENTE — *D. José Maria da Silva Pessanha*  
 O VICE-PRESIDENTE — *Felix Alves Pereira*  
 OS SECRETARIOS { *António Cesar de Gouveia Leite Fari-*  
                           *nha Mena Junior*  
                           *Afonso de Dornelas*  
 O TESOUREIRO — *Luis de Albuquerque Bettencourt*  
 OS VOGAES { *José Queiroz*  
                   *Luis Xavier da Costa*

**Movimento da tesouraria em 1916**

Saldo em 31 de Dezembro ds 1915.....	111784,5	
Receita geral do ano de 1916.....	627708	738792,5
Despesa geral do ano de 1916.....		569741,5
Saldo que transita para 1917 — Esc .....		<u>169751</u>

Lisboa, Carmo, em 31 de Dezembro de 1916.

O TESOUREIRO,

(a) *Luis de Albuquerque Bettencourt.*

**Movimento dos Sócios em 1916****Existência em 31 de Dezembro de 1915**

Socios effectivos residentes em Lisboa .....	53	
» » » fora de Lisboa.....	4	57

**Admitidos em 1916**

Sócios effectivos residentes em Lisboa .....	17	
» » » fora de Lisboa .....	3	20
<i>Soma</i> .....		<u>77</u>

Falecidos .....	1	
Despediram-se.....	2	3
Existencia em 31 de Dezembro de 1916.....		<u>74</u>

**Resumo dos Sócios effectivos**

Residentes em Lisboa .....	67	
» fora de Lisboa.....	7	
<i>Soma</i> .....		<u>74</u>

Lisboa, Carmo, 31 de Dezembro de 1916.

(a) *Luis de Albuquerque Bettencourt.*

## Parecer da Comissão Revisora de Contas

A comissão revisora de contas declarando verdadeiras e exactas todas as quantias e perfeita a escrituração, propõe:

1.º Que seja aprovado o relatório e contas da gerência do Tesoureiro do ano findo de 1916:

2.º Que na acta da sessão da Assembleia Geral seja exarado um voto de louvor ao mesmo Ex.<sup>mo</sup> Consócio pelo inexcelsível cuidado, zelo e exactidão com que estão elaboradas e escrituradas as suas contas.

Museu do Carmo em Lisboa, 10 de Julho de 1917.

A COMISSÃO

*Jesuino Artur Ganhado*

*Visconde de Santarem*

*Carlos Meireles da Silva Carvalho.*

(O Relatório da Direcção e estas propostas foram aprovados pela Assembleia Geral em 28 de Julho de 1917).